

# DOCTRINA

## OBJETO E NECESSIDADE DA HISTÓRIA ECONÔMICA — O TRABALHO ENTRE OS POVOS PRIMITIVOS —

EVARISTO DE MORAES FILHO

1 — Nem sempre a humanidade viveu das formas de organização de trabalho atualmente existentes. Apesar da crise que no momento atravessa a doutrina geral da evolução em todos os campos da cultura humana, não há dúvida que, no domínio da economia, observa o historiador como que uma sucessão, mais ou menos constante, de formas de organização social do trabalho.

Cada sociedade contém em si mesma, como sua própria negação, o germe da sociedade que lhe há de suceder. Por isso mesmo, teve razão Leibniz, quando escreveu em alguma parte de sua obra, que sempre "le présent est gros de l'avenir". De modo que coincidem e coexistem, às vezes, na mesma época histórica mais de uma fase de trabalho. Mas, nem por isso, deixa de ocorrer sempre o predomínio de uma delas, que acaba por condicionar de maneira decisiva o modo de ser do restante do corpo social. E é esta forma, que se sobressai, quem determina e torna bem estruturada a época histórica que lhe é correspondente.

Reunindo e comparando estas diversas formas econômicas através dos tempos, conclui-se que existe uma morfologia histórica na economia política. Há na criação de utilidades capazes de satisfazerem as necessidades humanas, ou seja, na produção de bens, maneiras diversas de trabalho e de transformação das matérias primas. E estas maneiras de produzir, de distribuir, de circular e de con-

sumir os bens acabam por constituir os estágios econômicos diferentes.

Pois bem, com pequenas variantes, e sem nenhum compromisso de escolas, são acordes quase todos os tratadistas em admitir cinco ou seis formas de produção industrial através dos tempos: indústria doméstica, artesanato, indústria em domicílio, manufatura e fábrica. Alguns autores colocam, entre a primeira e a segunda categoria, o trabalhador ambulante.

Do ponto de vista da forma econômica, predominou na Antiguidade a primeira forma de produção, isto é, a indústria doméstica, com exemplos isolados de trabalhadores ambulantes e de artesãos livres. Juridicamente, preponderava a escravidão. Durante a Idade Média primou o artesanato, e nos fins da mesma época, a indústria em domicílio. Do ponto de vista jurídico, dominava a servidão. Já na época moderna, em torno da Revolução Francesa, imperava a manufatura e começava a desenvolver-se a fábrica, que juridicamente, tomava a forma do trabalho assalariado, livremente contratado entre patrões e operários.

Segundo Henri Hauser, a **história econômica** é um estudo recente e novo, e mesmo na Alemanha, terra de onde é originária, ainda foi chamada de "neue hichtung", isto é, "direção nova" (1).

(1) — Henri Hauser — *Travailleurs et Marchands dans l'ancienne France* — Paris — 1929 — págs. 3-56.

Muito discutem os autores sobre a possibilidade de divisão da história social em períodos característicos, como o fez especialmente a escola histórica alemã, com Bücher, Schmoller, Hildebrandt, Roscher, Max Weber, entre outros. Estudando o assunto, por exemplo, opina o professor norte-americano J. H. Clapham contra este ponto de vista. Diz êle: "A inevitável divisão da história econômica em períodos para conveniência de estudo e ensino apresenta alguns dos perigos dos estágios esquemáticos, se o período e o estágio são indevidamente identificados ou se o especialista do período perde a perspectiva através da relativa ignorância sobre o que foi antes e veio depois da fase de sua escolha e assim torna-se incapaz de selecionar para especial atenção os seus traços que apresentem maior significação geral. São estes, de ordinário, os perigos da periodização histórica e do especialismo. A tendência da história econômica em aceitar como já concluídas estas divisões convencionais da história geral tem produzido às vezes resultados desastrosos, mas não é necessário que assim seja. E' evidente que linhas divisórias puramente econômicas não existem ou pelo menos sobre elas ainda não há acôrdo completo. Se os períodos são aceitos como simples fatias de tempo, dentro das quais alguns fenômenos econômicos particulares — escravidão, feudalismo econômico, capitalismo primitivo, capitalismo corporativo — podem ser de especial importância, mas não ao ponto de excluir fenômenos de outros tipos, seu estudo não apresenta sérias desvantagens. E' contudo, provavelmente até mais importante na economia do que em outro ramo da história, que o período estudado possa ser associado com o estudo adequado do mundo contemporâneo, o *terminus ad quem*". (2)

Sobre os diversos critérios de divisão dos períodos da organização do trabalho, podem ser vistos: G. Schmoller — *Politique Sociale et Economie Politique* — Paris — 1902 — págs. 379-389, e as polémicas entre Bücher, Sombart, von Below e Schmoller, publicadas, respectivamente, em: Karl Bücher, — *Études d'Histoire et d'Économie Politique* — trad. de Hansay — Paris — 1900 — págs. 20 e segs.; G. von Below — *Ueber Theorien der Wirthschaftlichen Entiwicklung der Volker, mit besonderer Bricksicht auf die Stadswirthschaft des deutschen Mittelealters* (*Hist. Zeitsch.*). Vol. LXXXI;

W. Sombart — *De Moderne Kapitalismus* — Leipzig — Vol. I — 1902 — pág. 51; G. Schmoller — *Principes d'Économie Politique* — trad. de G. Platon — Paris — 1905 — Vol. V — págs. 492-493

Vejam-se ainda: B. Nogaro — *Le Développement de la Pensée Économique* — Paris — 1944 — págs. 204 e segs.; Ch. Gide e Ch. Rist — *História das Doutrinas Econômicas* — trad. port. — Rio — 1941 — págs. 310, 429-463; W. Heller — *Diccionario de Economia Política* — trad. esp. — Barcelona — 1937 — págs. 162-164.

Para o estudo da morfologia econômica, pode ser indicada uma infinidade de livros, especialmente tratados, livros de história ou compêndios de economia política, tais como: G. Schmoller — *Principes*, cit. — Vol. II, passim; Karl Bücher — *Op. cit.* — págs 20 e segs.; Oth. Spann — *Die Haupttheorien der Volkswirtschaftslehre* — 3ª. ed. — Leipzig — 1920 — págs. 141 e segs.; V. Tominnz — *Historia de la Doctrinas Económicas y Sociales* — trad. de Vicente Gay — Barcelona — 1934 — págs. 180 e segs.; Ch. Gide — *Cours d'Économie Politique* — Recueil Sirey — Paris — 1911 — págs. 172-176; C. J. Fuchs — *Economia Política* — trad. de Manuel Sanchez Sarto — 2ª. ed. — Barcelona — 1927 — págs. 44-46; Bertrand Nogaro — *Éléments d'Économie Politique — Production et Circulation* — Paris — 1913 — págs. 42-45; R. Reboud — *Précis d'Économie Politique* — 7ª. ed. — Vol. I — Paris — 1936 — págs. 250-257; Otto Neurath e H. Sieveking — *Historia de la Economia — Vol. I — Antigüedad y Edad Media* — trad. de M. Sanchez Sarto — Barcelona — 1926 — págs. 297-320; Joseph Garnier — *Traité d'Économie Politique, Sociale et Industrielle* — 10ª. ed. — Paris — 1907 — págs. 23-61, 231-265; Ch. Gide — *Principes d'Économie Politique* — 26ª. ed. — Paris — 1931 — págs. 159 e segs.; G. Pirou — *Introduction a l'Étude de l'Économie Politique* — 2ª. ed. — Paris — 1946 — págs. 248 e segs.; J. Chevalier — *Doctrines Économiques* — Paris — 1947 — págs. 147 e segs.; R. Gonnard — *Histoire des Doctrines Économiques depuis les Physiocrates* — 5ª. ed. — Paris — 1947 — págs. 420 e segs.; Djacir Menezes — *Economia Política* — Pôrto Alegre — 1936 — págs. 93-100; 117-123; J. Papaterra Limongi — *Manual de Economia Política e Finanças* — 2ª. ed. — Rio — 1941 — págs 92-96.

(2) — J. H. Clapham — *Economic History as a Discipline* — in *Encyclopaedia of the Social Sciences* — Vol. V — New York — 1948 — págs. 327-330, com extensa bibliografia, que nos dispensa de maiores referências sobre o assunto.

Certamente, constitui grave perigo para a história econômica pretender-se isolar o fato econômico dos demais fatos sociais. A maneira do homem produzir em sociedade faz parte do todo coletivo, não podendo ser isolada. O *homo oeconomicus* puro não existe, fora do tempo e do espaço. Mas, em verdade, nem mesmo a escola histórica alemã nunca procurou abstrair as diversas fases históricas da comum realidade social. Pelo contrário, foi precursora da chamada escola institucionalista — principalmente norte-americana — que dissolve o fato econômico nas diversas manifestações da cultura ambiente. De qualquer modo, não há como negar-se que tenham existido, através da história, formas mais caracterizadas da organização econômica, tipos mais diferenciados de como os homens se reuniam para produzir economicamente.

Ensina Joseph Schumpeter sobre o verdadeiro sentido da evolução econômica: “Ela é simplesmente o objeto da história econômica, porção da história universal, que dela é separada unicamente por necessidades de exposição e da qual por princípio não é independente. Esta dependência de princípio nos impede de afirmar igualmente, sem mais delongas, o nosso segundo elemento sobre o assunto da evolução econômica. Porque o estado individual de um povo, quando pode ser discernido, resulta, não simplesmente do estado econômico precedente, mas unicamente do estado precedente total em que se encontra esse povo”. (3)

Em resumo: para se poder compreender o estágio econômico atual da humanidade, torna-se necessária esta busca histórica das diversas maneiras pelas quais os homens se reuniram para produzir, como constituíam suas relações jurídicas em torno daqueles fatos econômicos, como se comportavam em consequên-

cia de tais fatos. A história oferece ao sociólogo e ao jurista o sentido do *devenir* social, indispensável para contrabalançar a tendência excessivamente abstrata da conceitualização. Ademais, como lembra Durkheim, “sòmente a história permite resolver uma instituição em seus elementos construtivos, por isso que nos são êles mostrados surgindo no tempo uns após os outros”. (4)

Pensamos haver provado assim, embora de maneira sumária, a necessidade dos estudos históricos das formas de organização do trabalho para a completa compreensão do modo pelo qual os homens produzem na sociedade contemporânea e como se comportam em suas relações jurídicas. Desde os tempos antigos, deu-se a separação entre a atividade diretiva e a executora — senhor e escravo, amo e servo, patrão e operário — mas a cada estágio dessas dicotomias corresponde uma certa organização da economia e uma determinada natureza jurídica do vínculo que prende as partes entre si.

2 — De duas maneiras se pode chegar ao conhecimento da vida dos povos primitivos, que constituíram as primeiras manifestações de cultura humana sobre a terra. A primeira faz-se de modo direto, através dos estudos de arqueologia, de paleontologia, e mesmo dos ensinamentos das ciências vizinhas, tais como a geologia, que faz a história da terra; da botânica e da zoologia, que descrevem a flora e a fauna terrestres e marítimas. Através desses documentos diretos, pode-

(3) — J. Schumpeter — *Théorien de Pévolution Economique* — trad. de Jean-Jacques Anstette — Paris — 1935 — pág. 307.

(4) — Apud Armand Cuvillier — *Manuel de Sociologie* — Vol. I — Paris — 1950 — pág. 288, com abundante bibliografia sobre a importância e limitação dos estudos históricos para as ciências sociais.

se alcançar a **prehistória antiga**, por assim dizer.

A terra fica sempre marcada pela passagem do homem. Embora sem linguagem escrita, sem alfabeto, de qualquer maneira, vai sempre a humanidade deixando traços de sua vida sobre o nosso planeta. Já disse alguém que a terra é como um livro aberto, sempre compreensível para quem o saiba ler. E os estudiosos da prehistória procuram lê-lo através dos fósseis (ossos humanos que se acham fossilizados em camadas geológicas, ao lado dos ossos animais) e através de objetos de toda a natureza, tais como armas, instrumentos de trabalho, utensílios, joias, fabricados pelo homem, reflexos de seu desenvolvimento intelectual e moral.

A segunda modalidade de chegar-se ao conhecimento dos primitivos realiza-se de **modo indireto**, através do estudo de uma **prehistória moderna**, como a denomina Georges Renard (5). Aqui, serve-se o pesquisador dos resultados obtidos pela antropologia cultural, pela etnologia, pela etnografia. Enquanto a primeira prehistória foi geral, comum a toda a humanidade que se iniciava no caminho da civilização, a segunda é parcial, local, termina para os diferentes povos em épocas diversas, prolongando-se entretanto para outros, em determinados lugares da terra, em áreas limitadas, chegando até nós atualmente. Certamente, interessamos mais o estudo da primeira prehistória, universal e absoluta. O estudo da segunda torna-se necessário à medida que vá preencher as lacunas deixadas em aberto pelas ciências que informam o conhecimento dos tempos primitivos do homem sobre a terra. Servimo-nos então aqui das sobrevivências que ainda subsistem em certos povos de costumes arcaicos.

Sem pretendermos apresentar um

resumo histórico da etnologia, não vem fora de propósito lembrarmos as diversas fases por que passou a compreensão dos atuais povos selvagens ou primitivos. Podemos dividir em três fases diversas o modo pelo qual foram os primitivos encarados pelos chamados povos civilizados: a) maneira romântica, pre-científica otimista; b) início dos estudos científicos da etnologia, fase pessimista; c) ponto de vista realista, científico propriamente dito.

#### a) Fase romântica ou otimista.

Transcorre esta primeira fase entre os séculos XVI e XVIII. Com os grandes descobrimentos de outras terras não européias, habitadas por gente até então desconhecida, povos das florestas americanas ou mesmo africanas. Conta Montaigne (6) que conheceu um homem que viveu dez ou doze anos no Brasil e que muito lhe contou sobre os habitantes da França Antártica. Ele mesmo conheceu em Rouen, na corte de Henrique II alguns "tupinanbás", e nada lhe achou de bárbaro nem atrasado. Em meio do capítulo, escreve: "Ora, acho, para voltar ao meu propósito não há nada de bárbaro, e selvagem nesta nação, sobre a qual me não dão ensinamentos, senão que cada um chama barbarie o que não é de seu uso".

Estava criada a lenda do **bon sauvage**, que tanta influência exerceu sobre a filosofia que inspirou a Revolução Francesa, principalmente através das idéias de Jean Jacques Rousseau: o homem era bom em estado de natureza, a sociedade é

(5) — G. Renard — *Le Travail dans la Pré-histoire* — Paris . . 1927 — pág. 2.

(6) — *Essais de Montaigne* — Ed. de M. J. V. Leclerc — Paris — Librairie Garnier Frères — Cap. XXX — págs. 175-188.

Como se sabe a primeira edição dos *Ensaio*s data de 1580. Chegou Villegaignon ao Brasil em 1557, sendo então chamada de *France antarctique* a terra por ele conquistada.

que o tornou mau. A lenda do bom selvagem envolveu todo o romantismo do começo do século XIX, com Chateaubriand à frente. O próprio Voltaire, no século XVIII, não escapou ao encanto da lenda. No *Essai sur les mœurs*, achou que "os que chamamos selvagens são infinitamente superiores aos nossos".

b) **Fase pessimista ou pejorativa.** Com as viagens de Alexandre de Humboldt, de 1799 a 1804, pela América Central e do Sul, iniciou-se a pesquisa crítica dos povos primitivos. Passavam eles agora a ser objeto da ciência, para fins de se saber como eram, para os fins de se saber quais foram as origens da civilização atual.

E quase toda a etnologia do século passado foi evolucionista, acorde com as concepções de Spencer, fazendo do primitivo o estágio inicial, a estaca zero da evolução humana. Constituíram os povos selvagens sociedades homogêneas, hordas indiferenciadas, próximas ainda da vida animal. Daí, então, teria a humanidade se lançado no caminho do progresso. Partia-se do inferior para o superior, através de uma escala evolutiva unilinear e sempre a mesma para todos os povos. Pouco havia ainda de compreensão da verdadeira mentalidade desses povos.

c) **Fase realista.** Com os métodos da etnologia, da antropologia ou dos estudos da prehistória no século XX, começou-se então a compreender os primitivos neles mesmos, por eles mesmos, sem a deformação das comparações perigosas com a época atual, nem os preconceitos de uma evolução sempre ascensional. Era preciso conhecer os primitivos em seu meio, no seu estágio de cultura, com a sua própria concepção do mundo e da vida. Tais estudos talvez se tenham iniciado com as obras de Ratzel, sobre antropogeografia. Muito se deve também às escolas históricas, tanto em direito, como em economia.

Já agora se admitiam várias linhas evolutivas. Cada civilização apresentava seus próprios fins, suas próprias idéias, suas diferentes maneiras de encarar as coisas do mundo. A psicologia dos povos primitivos já apresentava certa complexidade, sua vida material e espiritual possuía também certa riqueza de estrutura. Não havia a simplicidade apresentada pelos evolucionistas monolineares. (7)

3 — Sem nos aventurarmos a fazer aqui — porque fora de propósito — um estudo detalhado das diversas escolas da etnologia ou da antropologia cultural, basta-nos dizer que os resultados a que chegaram essas ciências é no sentido de se estudar as culturas como totalidades fechadas, e não mais como fragmentos mortos de povos também mortos.

A melhor definição de cultura, em sentido antropológico, pertence até hoje ao mestre inglês Edward B. Tylor, que assim a conceituou: "Cultura é aquele complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes, e outras muitas capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade" (8). Constitui, assim, a cultura

(7) — Para essas diferentes maneiras de se encarar o primitivo e para a história da etnologia, da arqueologia ou da antropologia cultural podem ser vistos: R. Allier — *Le Non-civilisé et nous* — Paris — 1927 — págs. 7-36; R. Gonnard — *Lalé-gende du bon sauvage* — Paris — 1945; R. L. Lowie — *The history of ethnological theory* — New York — 1937 (o melhor livro para uma visão de conjunto); Clark Wissler — *An Introduction to Social Anthropology* — New York — 1929 — págs. 3-13; W. Mühlmann — *Geschichtliche Bedingungen, Methoden und Aufgaben der Volkerkunde* — Stuttgart — 1937; Georges Daux — *Les étapes de l'Anchéologie* — Paris — 1948.

(8) — Ed. B. Tylor — *Primitive Culture* — London — 1929 — pág. 1. No mesmo sentido, Robert L. Lowie — *Manuel d'Anthropologie Culturelle* — trad. de E. Métraux — Paris — 1936 — pág. 11, que escreve: "Tomado em sua acepção científica, o termo cultura não significa refinamento ou instrução excepcional, mas o conjunto das tradições sociais. Como disse o grande etnólogo Tylor, engloba ela "as aptidões e os hábitos adquiridos pelo homem enquanto considerado como membro de uma socie-

de um povo tudo quanto faça parte do seu equipamento de instrumentos e de hábitos de vida inventados pelo homem. O conceito de cultura contrapõe-se ao de natureza, significando a universalidade das criações humanas e artificiais, desde o vestuário, a habitação, os instrumentos de trabalho e armas de guerra, até às crenças, às concepções metafísicas, filosóficas, às técnicas, e assim por diante.

Hoje em dia, em face das últimas noções de antropologia, não se admite que seja possível tomar-se um traço qualquer isolado de uma determinada cultura. Segundo a concepção funcionalista de Malinowski não há partes estanques em nenhuma cultura: tôdas elas se relacionam com o conjunto da cultura. As diversas partes desempenham diferentes funções no mesmo todo, isto é, funcionam em relação ao todo. Assim, não se deve estudar um instrumento de trabalho ou de guerra isoladamente, e sim interpretá-lo como parte funcional e viva de uma cultura inteira. Os objetos, as crenças, as manifestações de qualquer espécie nada mais são do que sintomas de um conjunto maior, que a todos informa e vivifica: a cultura. Escreve Malinowski (9): "Todos os elementos da cultura devem se encontrar em movimento, funcionando, ativos, eficientes. O caráter essencialmente dinâmico dos elementos culturais e de suas relações sugere que a tarefa mais importante da antropologia consiste no estudo da função cultural. O primeiro estudo da antropologia funcional reside na função das instituições, costumes, ferramentas e idéias. Faz concluir que o processo cultural está sujeito a leis e que as leis podem ser encontradas na função dos elementos reais da cultura. O tratamento isolacionista ou fragmentarista dos traços culturais deve ser olhado como estéril, porque a significação da cultura consiste na relação entre seus elementos,

e a existência de complexos acidentais ou fortuitos na cultura não é mais admitida".

Prosseguindo neste caminho, chegou Ruth Benedict, discípula de Boas, à concepção gestaltista da cultura. A cultura é uma **Gestalt** em relação às suas partes competentes, isto é, envolve-as como verdadeira configuração, como uma forma, uma estrutura global. Eis o assunto nas próprias palavras da sua autora (10): "O todo, como insiste a ciência moderna em muitos campos, não é meramente a soma de suas partes, e sim o resultado de um único ordenamento e de uma única interrelação das partes que produziram uma nova entidade"... "Igualmente, são as culturas mais que a soma de seus traços. Podemos conhecer tudo acêrca da distribuição das formas de matrimônio de uma tribo, suas danças rituais e as iniciações da puberdade, e, contudo, nada entender do conjunto de cultura que se utilizou dêstes elementos para seu próprio fim. Êste fim elege, dentre os traços variados das regiões circundantes, aqueles que pode empregar e se desfaz dos que não lhe são úteis. A outros traços, os funde em conformidade com suas exigências. O processo em marcha não precisa ser consciente durante todo seu curso; mas passá-lo por alto no estudo da modelação da conduta humana é renunciar à possibilidade de uma interpretação inteligente".

Assim, entre os primitivos, represen-

---

dade". A cultura compreende tôdas essas aptidões e hábitos, por oposição aos numerosos caracteres adquiridos de modo diverso, em particular pela hereditariedade biológica".

(9) — Bronislaw Malinowski — *Culture* — in *Enc. of the Soc.* — Sc. — New York — Vol. IV — 1948 — pág. 625.

(10) — Ruth Benedict — *El Hombre y la Cultura* — trad. de Léon Dujovne — Buenos Aires — 1944 — págs. 69-70.

tavam tôdas as suas criações artificiais da sociedade detalhes do mesmo conjunto cultural em que estavam mergulhadas. O instrumento de trabalho, a arma de guerra, a habitação, a forma de casamento, os costumes adotados, as crenças seguidas, tudo isso faz parte da mesma totalidade cultural. Cada uma dessas criações significa alguma coisa para o grupo social em que funciona, desempenha um papel que não pode nunca ser tomado isoladamente.

Assim, por exemplo, sem entrarmos no debate do possível pre-logismo da mentalidade primitiva — tese quase totalmente abandonada pelo seu próprio criador no mundo da antropologia, Lucien Lévy Bruhl (11) — podemos afirmar, com a maioria das escolas, que a magia dominou o início de tôda a civilização. Tudo que ali se criou trouxe a marca da magia. Segundo M. Mauss e H. Hubert (12), a magia foi a técnica mais antiga. Embora frutos das primeiras necessidades do homem, a invenção e a fabricação dos primeiros instrumentos, a técnica e mesmo as iniciais manifestações da ciência surgiram no terreno da magia, receberam o seu beneplácito e as suas primitivas explicações. A primeira concepção da natureza foi de índole mágica. Sômente com o tempo foram a técnica e a ciência se distanciando daqueles poderes e processos místicos, substituindo-os por noções mais seguras e verificáveis de causa e efeito.

4 — Através dessa capacidade de procurar explicar as coisas, ao mesmo tempo que fabricar instrumentos capazes de dominá-las, pôde o homem distinguir-se facilmente do animal, criando cada vez mais a sua cultura, um verdadeiro revestimento artificial da própria natureza. Desde logo, como mostram todos os biólogos e antropólogos, teve o homem duas grandes armas que o tornavam superior

aos outros animais: a mão e a linguagem.

O homem é o único animal que contrapõe o polegar a todos os outros dedos da mão. Com essa disposição biológica, lhe foi possível manejar instrumentos de trabalho e de luta. Manipulando ferramentas, estendeu o homem o seu domínio sobre a natureza, além, muito além, do que era permitido aos outros animais. Não interessa saber em que época isso se deu, e muito discutem os autores sobre o assunto (13). É o bastante saber-se que foi com a **manipulação das ferramentas** e com a **linguagem** que o homem conseguiu sobrepor-se aos outros animais, criando a técnica, transmitindo-a de uma geração à outra, tornando assim possível o seu domínio sobre as forças da natureza. A princípio, atribuíam-lhe poderes mágicos, mas foram pouco a pouco racionalizando tais conquistas, transformando-as em ciência e tecnologia econômica, puramente social.

A respeito, escreve Oswald Spengler,

(11) — Como se sabe, em vários livros, sempre sustentou L. Lévy-Bruhl, da escola da Durkheim, a tese de que os primitivos não obedeciam em seu pensamento aos mesmos princípios lógicos do homem civilizado. Sua mentalidade seria pre-lógica. Agora, depois de sua morte, publicou-se em Paris o livro *Les Carnets de Lucien Lévy-Bruhl* — 1949, onde o assunto é discutido. Vejam-se principalmente págs. 129 e segs.

(12) — M. Mauss e H. Hubert — *Esquisse d'une Théorie Générale de la Magie* — in *Année sociologique* — Paris — Vol. VII — 1902-1903 — págs. 144-146.

Veja-se ainda dos mesmos autores, sobre o mesmo assunto: *Mélanges d'Histoire des Religions* — Paris — 1909 — págs. XXII-XXV.

(13) — Colocam os autores o surgimento do homem sobre a terra nos primórdios da era quaternária ou plioceno, como a denomina Lyell. Isto se teria dado cerca de 100.000 ou 200.000 anos antes de nós.

Veja-se sobre isso: A. de Lapparent — *Abrégé de Géologie* — Paris — 8ª ed. — 1916 — págs. 375 e segs.; M. Fallex e A. Gibert — *L'Évolution de la terre et de l'homme* — Paris — 1931 — págs. 30 e segs.

de acôrdo com a melhor doutrina antropológica (14): “Desde quando existe o homem? Que é o homem? Como chegou a ser homem? A resposta é: o homem se fêz homem pela mão. A mão é uma arma sem igual no mundo da vida movediça. Comparem com a pata, o bico, os chifres, os dentes e as barbatanas natatórias de outros animais. Por uma parte, concentra-se na mão o sentido do tato, até tal ponto que pode considerar-se a mão como órgão tátil, junto aos órgãos da visão e da audição. Não somente distingue o quente e o frio, o sólido e o líquido, o duro e o brando, mas também, e sobretudo, o peso, a figura e o lugar das resistências, em suma, as coisas do espaço. Mas, além disso, por cima de tudo, concentra-se na mão a atividade da vida tão completamente, que tôda a atitude e a marcha do corpo — simultaneamente — se configurou com relação à mão. Não há no mundo nada que possa comparar-se com êsse membro palpador e ativo”... “Mas não só a mão, a marcha e a atitude do homem deveram ter surgido ao mesmo tempo, mas também a mão e a ferramenta. A mão inerte não tem valor por si só. A mão exige a arma, para ser ela mesma arma. Assim como a ferramenta se formou pela figura da mão, assim inversamente a mão se fêz sôbre a figura da ferramenta. E' absurdo pretender separá-las no tempo. E' impossível que a mão já formada tenha atuado, nem que seja por pouco tempo, sem ferramenta. Os mais antigos restos humanos e as mais antigas ferramentas têm a mesma idade”.

Por isso mesmo é que Henri Bergson coloca o *homo faber* como mais característico da nossa espécie do que o *homo*

*sapiens*. Diz o grande filósofo francês (15): “Se pudéssemos nos despojar de todo o orgulho, se, para definir nossa espécie, nós nos prendêssemos estritamente ao que a história e a prehistória nos apresentam como a característica constante do homem e da inteligência, nós não diríamos talvez *Homo sapiens*, mas *homo faber*. Em definitivo, a inteligência, encarada nisto que parece ser a sua nota original, é a faculdade de fabricar objetos artificiais, em particular ferramentas para fazer ferramentas, e de variar indefinidamente sua fabricação”.

Mas, justamente por procurar se assenhorear das leis que o conduziriam ao domínio da natureza e por ter se utilizado justamente de sua inteligência, é que poderíamos dizer que o *homo faber* e o *homo sapiens* são contemporâneos, como dois lados inextricáveis do mesmo ser. E isso ainda mais se confirma pela descoberta da linguagem. Aliás, ambas — a ferramenta e a linguagem — são criações características da inteligência, segundo Bergson. Ambas fazem parte das criações sociais do homem.

E com isto tocamos em outro ponto curioso da prehistória. Segundo as mais recentes teorias sôbre as origens da linguagem, apareceu ela aos poucos, coletivamente, na ocasião do trabalho. Quando os homens se reuniam para trabalhar — e todo trabalho é sempre cooperativo — exclamavam, manifestando as suas emoções e os seus esforços, exprimiam-se por pequenos sons, emitiam os mesmos vocábulos, que terminaram por ganhar significações uniformes. Se cada um houvesse criado uma linguagem própria, isoladamente, terminariam todos por não se entenderem, já que ignoravam as significações especiais que teriam tais vocábulos para cada um. A linguagem é produto do grupo, é resultante da vida social do homem. E nos tempos primitivos a

(14) — O. Spengler — *El hombre y la técnica* — Madrid — 1934 — trad. de Manuel G. Morente — págs. 45 e segs.

(15) — H. Bergson — *L'Évolution Créatrice* — 44<sup>a</sup>. ed. — Paris — 1937 — pág. 151.



maior ocasião de reuniões dos homens se dava no momento de trabalho.

Depois de analisar as várias teorias sobre as origens da linguagem, escreve J. Vendryes: "A linguagem não pôde nascer como fato social senão no dia em que o cérebro humano se encontrou suficientemente desenvolvido para utilizá-la. Dois seres humanos não puderam criar entre eles uma linguagem senão porque anteriormente estavam preparados para fazê-lo. Na linguagem ocorreu a mesma coisa que tem em tôdas as invenções humanas. A miúdo, tem-se discutido se a linguagem originariamente era única ou múltipla. A questão não tem interêsse. O dia em que o progresso da inteligência traz um aperfeiçoamento da civilização, a nova descoberta se faz por si mesma, e, em muitos lugares, ao mesmo tempo; está no ambiente, dizem os sábios, e se o sente vir, como se prevê no outono a queda dos frutos maduros de um pomar"... "Neste longínquo antepassado, cujo cérebro era impróprio para o raciocínio, a linguagem pôde começar sendo puramente emotiva. A princípio, seria simples canto ritmando a marcha ou o trabalho manual, um grito como o do animal expressando dor ou alegria, manifestando um temor ou um desejo. Depois, provido o grito de um valor simbólico, seria considerado como um sinal capaz de ser repetido por outros; e, o homem, achando a seu alcance este procedimento cômodo, o utilizaria para comunicar com seus semelhantes e prevenir ou provocar um ato por parte deles. Antes de ser um meio de raciocinar, a linguagem deve ter sido um meio de ação, e um dos mais eficazes de que pudesse dispor o homem. Uma vez despertada no espírito a consciência do signo, não faltava nada mais do que desenvolver esta invenção maravilhosa; o aperfeiçoamento do aparato vocal

corria paralelo com o do cérebro. No seio das primeiras agrupações humanas, a fixação da linguagem se realizava, seguindo as leis que regem tôda sociedade. Em particular, em tôdas as cerimônias coletivas, as mesmas manifestações vocais ou corais se impunham a todos os membros do grupo". (15)

Com estas duas imensas possibilidades — de fabricar ferramentas e de criar uma linguagem própria — pôde o homem distanciar-se cada vez mais dos outros seres animados, construindo um completo

(15) — J. Vendryes — *El Language — Introducción lingüística a la Historia* — trad. de Manuel de Montoliu — 2ª. ed. — Barcelona — 1943 — págs — 19-24.

No mesmo sentido, o livro recente de G. Révész — *Origine et Préhistoire du langage* — trad. de L. Homburger — Paris — 1950 — pág. 92, que, depois de estudar várias teorias sobre a origem da linguagem, acaba por optar pela do contato, nestes termos: "por contato, entendemos a tendência fundamental e inata observada nos seres vivendo em comunidade a se aproximar, a se simpatizar, a trabalhar em conjunto e a se compreender reciprocamente. Trata-se de uma lei geral, comum a todos os indivíduos pertencentes aos grupos sociais".

Como adeptos dessas idéias, cita Vendryes: K. Borinski — *Ursprung der Sprache* — Halle — 1911 — pág. 39 e K. Bücher — *Arbeit und Rhythmus* — 3ª. ed. — Leipzig — 1912.

Esqueceu-se o grande mestre francês da obra de L. Noiré, um dos primeiros teóricos a chamar a atenção para a importância da tecnologia, não só na vida social, como igualmente na própria vida psicológica humana. Segundo procurou demonstrar, a linguagem e, através dela, a própria razão são produtos do trabalho em comum. Conf. — L. Noiré — *Das Werkzeug und seine Bedeutung für die Entwicklungsgechichte der Menschheit* — Mayence — 1880. Há um resumo do livro em francês, feito por H. Lachelier — *De l'outil et de son importance dans l'humanité* — in *Revue philosophique* — t. XIII — págs. 539-544. 1.882.

Em artigo publicado em 1892, sustentava F. H. Cushing a curiosa tese de que os próprios conceitos humanos nada mais têm feito do que refletir, em sua evolução, o próprio desenvolvimento do trabalho industrial. Apareceu o seu ensaio em *American Anthropologist*, t. V, págs. 289-292, 1893, sob o título de *Manual concepts, a study of the influence of hand-usage on culture-growth*.

Tudo isso, sem falarmos nas concepções doutrinárias do chamado materialismo histórico, também anteriores aos autores lembrados por Vendryes. Embora já antiquado, na pesquisa especial que se propôs, pode ainda ser visto o livro de E. Renan — *De l'origine du langage* — Paris — ed. de 1922 (a primeira é de 1848).

equipamento civilizador, que o colocou capaz de dominar a natureza, em proveito do seu bem-estar social. A princípio, como não poderia deixar de ser, os instrumentos de trabalho foram limitados e bem próximos da própria natureza, e somente mais tarde, com o aperfeiçoamento da técnica, puderam ganhar maior complexidade e rendimento.

5 — Teve razão Spengler, quando escreveu que sempre foram encontrados instrumentos de trabalho junto aos restos fossilizados do homem. Desde as primeiras fases arqueológicas, do silex terciário ou eolítica, que é o período inicial da idade da pedra, já se encontram certas ferramentas fabricadas pelo homem, que bem denunciam o desenvolvimento que já havia alcançado a sua mente nessa exploração da natureza.

Dizem Fallex e Gibert que, se a existência do homem terciário fôsse julgada possível, é de se presumir que ali já tenha existido uma indústria, ainda que bem rudimentar, em pleno período de tentativa ou apalpadela. Cabe a esta possível primeira época o nome de eolítica, isto é, aurora da idade da pedra, criada para designar justamente o silex terciário, que teria sido a primeira ferramenta do homem. Mas não dispõe a ciência de elementos capazes de esclarecê-la se essas pedras fragmentadas são produto de um talhe intencional ou se são o resultado de um fenômeno natural, de simples "jôgo da natureza".

E nem precisamos para os nossos propósitos de nos aventurarmos a tão recuados tempos. Depois dessa primeira possível fase, surge então a idade da pedra lascada ou paleolítica, que pode ser dividida em duas outras fases: paleolítica inferior e paleolítica superior.

**Paleolítica inferior — Economia apropriativa** — Neste momento, o clima

terrestre era ainda muito quente, permanecendo o homem ainda numa vida muito próxima da do animal. Andava o nosso ancestral despido, ao longo dos rios e dos planaltos. Mas as cinzas e os carvões dessa época mostram que o homem já conhecia o fogo.

Do ponto de vista econômico, propriamente dito, vivia o ser humano da caça e da pesca, ou melhor da pequena caça e da pequena pesca. Estavam em plena época da **economia apropriativa**. Devido ao atraso da técnica e ao seu desconhecimento na exploração do próprio mundo normal, limitava-se o homem a colher aquilo que a natureza lhe proporcionasse diretamente, sem grandes esforços de busca ou de pesquisa. Escreve o professor Bras: "Como os animais inferiores, aos quais se assemelham, os homens mais primitivos caçavam, pescavam, catavam frutos, musgo e líquenes, apanhavam pequenos animais como cobras e lagartos, comiam os insetos que se enroscavam sob seus pés ou enxameavam sobre suas pessoas e esgravatavam o chão em busca de bulbos e raízes silvestres. Ainda mais, colhiam lenha à medida que fôsse necessário e mesmo escavavam a superfície da terra em busca de ocre (substância corante) ou de metais. Podemos facilmente imaginar a vida assim levada se nos supusermos perdidos numa floresta ou numa planície, sem roupas, sem instrumentos, e sem armas. E' claro que a comparação é injusta para o homem moderno, que se acostumou a contar demasiado com aquilo que os outros produzem em seu benefício: vestuário ou alimento, objetos de luxo ou de primeira necessidade; mas prova-nos a ingenuidade que deveriam ter os homens primitivos para prover a tôdas as suas necessidades pela apropriação do que a natureza lhes fornecia nas suas imediações. Os mais

primitivos dos povos atrasados, seja da antiguidade ou dos nossos dias, são os coletores ou apropriadores das dádivas da natureza". (16)

Nesta fase, abriga-se o homem sob as rochas e nas grotas naturais, é troglodita. Apesar de revestido de espesso pelo natural, protege-se ainda mais com peles de animais e de guarnições cosidas. Procura aperfuiçoar suas armas, tornando-as cada vez mais precisas: os machados, pontas de lanças e de flechas, harpões. As ferramentas de trabalho também são melhoradas: raspadores, lâminas (de pedras ou de concha), furadores. Já possui o culto dos mortos, porque sepulta os seus cadáveres.

Segundo Jacques de Morgan, o grande expositor francês da prehistória revela-se aí a mais antiga indústria da pedra autenticamente conhecida: "o sôco", isto é, "o silex em forma de amêndoa, grosseiramente lascado por percussão sôbre as duas faces, terminado em ponta numa de suas extremidades, arredondado na outra e ligeiramente entumecido em seu meio". Com o tempo, torna-se mais ligeiro o instrumento, de forma mais variada e de trabalho mais cuidado, tornando-se o machado apto a cortar e a bater, enquanto a primeira forma, descrita acima, sômente servia para bater. Depois, progredindo mais, transformam-se êsses instrumentos em peças talhadas e retocadas em uma só face, tais como pontas de lança e de flechas, raspadores.

Nesta primeira idade — paleolítica inferior — como dissemos, o homem já conhecia o fogo. Segundo os arqueólogos e os antropologistas, não se sabe quando o homem descobriu a forma de produzir o fogo. Admite-se que, a princípio, o conheceu através dos acidentes naturais: a queda de um raio, a erupção de um vulcão, que produziam incêndios nos bos-

ques. Notavam os primitivos os efeitos que o fogo causava, a combustão dos objetos que provocava, o calor ambiente que produzia, o cozimento das frutas e das carnes. Tudo isso levou-os a conservar o fogo o mais possível, embora sem saber como provocá-lo. (17)

Escreve Frazer (18): "De tódas as invenções humanas, a descoberta do modo de fazer o fogo foi provavelmente a mais importante e a mais rica em consequências. Deve remontar a uma antiguidade muito remota, porque não existe segundo parece, exemplo bem provado de uma tribo selvagem que ignore o uso do fogo ou o meio de produzi-lo".

A mesma coisa escreve Georges Renard (19): "Dentre as descobertas com as quais devia beneficiar-se o homem, há uma que por sua importância extrema deve ser colocada em primeiro plano: é a do fogo, domador do frio, da noite, da matéria, instrumento dócil e poderoso, arma terrível e perigosa para aquele mesmo que dele se serve. Foi êste em verdade um acontecimento enorme, cujas consequências são infinitas. Onde e quando se produziu, é impossível saber-se. Provavel-

(16) — N. S. B. Gras — *Introdução à História econômica* — trad. de Lavínia Vilela — S. Paulo — 1943 — págs. 9-10.

(17) — Marcel Mauss — *Manuel d'Ethnographie* — Paris — 1947 — pág. 29: "O fogo é um instrumento considerável de proteção; não sômente produz calor, mas afasta os animais ferozes. Durante muito tempo, o fogo foi sobretudo conservado. Estudar-se-ão antes de tudo os processos de conservação do fogo".

Veja-se também: Michael Haberlandt — *Ethnografia* — trad. de Telesforo de Aranzadi — Barcelona — 1929 — págs. 102-103.

(18) — Sir James George Frazer — *Mythes sur l'origine du feu* — trad. de G. M. Michel Drucker — Paris — 1931 — pág. 9.

(19) — Georges Renard — *Op. cit.* — pág. 65. Podem ainda ser vistos, entre outros: A. M. Hocart — *Les Progrès de l'homme* — trad. de Georges Montandon — Paris — 1935 — pág. 140 e segs.; Robert Lowie — *Manuel, cit.* — págs. 70 e segs.

mente em mais de um lugar. O que se sabe é que, desde o início da época quaternária, o fogo é coisa adquirida”.

**Paleolítica superior** — Nesta fase, segundo os etnógrafos já o homem cavalga o mamute e a rena. Dedicase mais à arte. Embora ainda troglodita, progride muito em seu porte e no emprêgo da mão. Merece a denominação do **homo sapiens** de Linneu. As suas armas se aperfeiçoam, tanto para a caça, como para a pesca (harpão dentado). A caça e a pesca se tornam mais abundantes, assegurando-lhe manutenção por algum tempo. Sobram lazeres para o livre jôgo da imaginação, surge a arte. O talhe da pedra é agora também usado para essas novas atividades artísticas: como gravador, esculptor, desenhista e ainda pintor. Gosta também de jóias (conchas marinhas perfuradas, colares, braceletes, etc.). Pratica também o culto dos mortos.

Segundo os arqueólogos, assinalam-se agora formas novas da ferramenta e da produção: raspadores mais resistentes, lâminas com entalhes laterais permitindo ligá-las sòlidamente a um cabo, sobretudo dos perfuradores e dos buris destinados a trabalhar matérias duras, marfim, ôsso, madeiras duras. Outra espécie de instrumentos são as pontas de silex em forma de fôlha de louro, trabalhadas nas duas faces, muito delgadas e finas, alcançando geralmente 25 cm. Aparecem também pontas com entalhe unilateral, com a extremidade se prendendo em um pedaço de madeira, o que torna possível produzir artigos de ôsso, às vezes, delicados, como agulhas com burado. E prosseguem neste caminho de fabricar objetos, não sòmente artísticos como também úteis ao seu trabalho produtivo comum. Datam desta época a chamada **arte magdaleniana**, muito brilhante, que encerra o período quaternário do homem. Encontram-se

suas manifestações nas cavernas dos primitivos, representando perfeitos desenhos de animais.

A organização economica ainda se apresenta a mesma da idade paleolítica inicial, com uma única diferença, que mais é de grau do que pròpriamente de natureza. Segundo Gras, os coletores inferiores caçavam em pequenos grupos, usavam armas mais rústicas, matavam caça de menor porte e eram menos habilidosos na luta. Não possuíam alimentos nem peles para vestuários de tão boa qualidade como os coletores superiores.

Êstes, que caracterizam a fase paleolítica secundária, ainda se limitam a apanhar os animais e vegetais, se desenvolvem até o estágio de civilização seguinte, o nomadismo cultural. Já se entregavam a uma caça mais ampla e longínqua. Caçavam renas, búfalos, antílopes, cavalos selvagens. Deu-se êste desenvolvimento sòmente em certas áreas mais favorecidas pelo clima, tais como as zonas tropicais, sub-tropicais e temperadas.

Em tôda essa vida econômica, caracterizava-se o trabalho ainda por uma **cooperação simples**. Podemos dizer que estava quase totalmente ausente daquela meio a divisão do trabalho social. Todos sabiam fazer tudo, cada um era capaz de executar a mesma operação econômica dos outros. Inexistia a especialização ou profissionalização das tarefas técnicas a realizar. Às vezes, o trabalho se tornava coletivo, feito pelos membros do grupo em comum, como, por exemplo, a caça de um grande animal, a remoção de um grande obstáculo.

Vivia a população dispersa em **gens**, constituída em média por umas vinte pessoas, tôdas consanguíneas entre si. Justificava-se esta pequena densidade populacional, para que eram necessários imensos territórios, não cultivados, selva-

gens, para o campo de caça e pesca dos primeiros grupos humanos. Não sendo uma exploração intensiva, só o poderia ser extensiva. Para um sustento mínimo, sem reserva, sem acúmulo, com consumo imediato, tornava-se preciso uma oferta espontânea muito grande da natureza.

Dada a necessidade da luta constante contra a natureza, ainda não dominada tècnicamente, trabalhavam os homens em conjunto com uma distribuição de tarefas coletivas. Todos trabalhavam para o pequeno grupo, com o propósito de mantê-lo sobrevivente e unido. O egoísmo naquele estágio poderia significar o desaparecimento de todos. E a única divisão do trabalho social que se esboçava dava-se entre os dois sexos — homem e mulher. Ficavam para aquele os trabalhos mais perigosos da caça, cabendo às mulheres a operação de colher frutos e outros elementos espontâneos da natureza.

Durante as idades paleolítica e mesolítica (paleolítica superior), predominaram três dos tipos sociais econômicos, que segundo Steinmetz, correspondem aos caracteres gerais da vida econômica. A primeira classe é a dos coletores (**Samm-ler**), já estudados por nós. A segunda classe é a dos caçadores, a dos pequenos caçadores, que só vivem da caça, em geral, constituídos em pequenos grupos. A terceira modalidade é a dos pescadores, que combinam as duas espécies anteriores. São também um pouco coletores e caçadores. (20)

**Idade neolítica** — Significa isto **idade da pedra polida**. Consegue o homem agora inventar um processo novo, polindo os seus instrumentos de trabalho e de luta, tornando-os mais preciosos e aguçados. Nesta época, a humanidade avança com mais ímpeto no caminho da civilização. A vida social se organiza, a divisão do

trabalho se aperfeiçoa, a vida material torna-se mais produtiva.

Do ponto de vista da habitação modificam-se também os costumes humanos. O clima torna-se mais suave, mais temperado, permitindo ao homem abandonar as cavernas e instalar-se ao ar livre. As tendas que se constroem nos vales e nas colinas, feitas com estacas e ramos entrelaçados, tipo tapume, se agrupam em aldeias. São protegidas ou pelo próprio local onde foram levantadas ou então por paliçadas artificiais, construídas pelos seus moradores. Nas regiões de lagos, ou lacustres, são essas moradias construídas em cima de estacas, tornando-se difícil o seu acesso. São as **palafitas**. São alcançadas, ou por meio de pequenos barcos, feitos de troncos de árvores escavados, ou então por primitivas pontes, que podiam ser retiradas à vontade. Eram em grande número, formando por vezes densos aglomerados humanos.

Citando várias autoridades em arqueologia e antropologia, situa Dwight Sanderson (21) nesta época o surgimento dos primeiros grupos locais, formando comunidades sociais, do tipo de aldeia. É que aqui começam também as primeiras manifestações da vida agrícola. Escreve H. F. Osborn (22): "A principal mudança econômica aparece no conhecimento rudimentar de agricultura e no uso de uma variedade de plantas e sementes, acompanhada pelo gradual aparecimento de cuidados para o preparo do solo e para a colheita. Esta nova fonte de suprimento alimentar conduz ao estabelecimento

(20) — Rudolf Steinmetz — *Types sociaux économiques* — in C. Bouglé e J. Raffault — *Éléments de Sociologie* — Paris — 2ª. ed. — 1930 — págs. 364-365.

(21) — Dwight Sanderson — *The rural community — The natural history of a sociological group* — Boston — 1932 — págs. 24 e segs.

(22) — H. F. Osborn — *Men of the Old Stone Age* — pag. 509, apud Dwight Sanderson.

de estações permanentes e campos e, mais ou menos, ao abandono da maneira nômada de vida. Próximo dos antigos locais de moradia e de aldeias, entretanto, encontraram-se instrumentos para a preparação de peles e couros, porque a caça era ainda mantida para fins de vestuário e mesmo de alimentação”.

A forma econômica é a *operativa*. Significa isto que o homem não se sujeita mais à natureza, às suas dádivas expon-tâneas, ao que lhe oferece sem maiores esforços. Nesta fase, intensifica-se o **trabalho** humano na produção de utilidades e de bens econômicos. Procura-se desvendar o que a natureza esconde, desenvolvendo-se muito maior esforço.

São característicos dessa época a grande caça e a agricultura. Ao contrário da pequena caça, nesta, parte o caçador em grandes excursões por territórios longínquos, atrás de animais de pesado porte. Já conhece modalidades de atraí-los e de prendê-los. Racionaliza, por assim dizer, o processo de apanhar a presa. O instrumento usado é o machado elipsoidal. Segundo Kurt Lindner, a distinção entre caça do neolítico e o do paleolítico reside mais em diferenças de ordem social do que propriamente de natureza técnica. A caça torna-se privilégio de uma minoria. (23)

Os instrumentos são mais ou menos os mesmos do período passado, aperfeiçoados, mais bem adaptados às suas finalidades. São as flechas, as lanças, os harpões, a fronda e a rêde. Sobre esta última, escreve Lindner: “A questão da utilização da rêde para a caça não foi ainda resolvida. Concordamos que este aparelho de caça seja indispensável aos homens da idade lítica média. Parece então provável que em uma civilização cuja economia seja também influenciada pela pesca como a das palafitas, a rêde tinha

sido igualmente importante para a caça”.

Quanto à agricultura, é o bastante dizer que, desde os trabalhos de Bachofen, detados de 1861, a respeito do matriarcado, tornou-se conquista definitiva da ciência antropológica a afirmativa de que a mulher é o principal agente desta forma econômica. Em 1887, esta observação foi confirmada pelos estudos de Miss Buckland. E pouco depois aparece então a pesquisa mais séria sobre o assunto, “A evolução da agricultura nos tempos primitivos”, de autoria de Anton Novacki.

Divide-se mais o trabalho social entre os dois sexos. Num capítulo que leva este título — **divisão do trabalho segundo os sexos** — ensina o grande mestre americano Robert Lowie (24): “A um nível de civilização mais elevado, o homem permanece caçador, enquanto a mulher dá um passo decisivo adiante, não se contentando de colher, mas plantando e fazendo a colheita. Segundo toda probabilidade, as mulheres foram as primeiras a cultivar a terra, porque, nas comunidades de caçadores, são sempre elas que devem fornecer a alimentação vegetal”.

Com a grande caça, a agricultura, ajunte-se a estes processos econômicos um outro: o pastoreio e a domesticação dos animais. Já a habitação do homem se completa com o estábulo, passando o animal doméstico a fazer parte da casa. O cão foi aprisionado, como útil à caça e a guarda da morada. Seguem-lhe o boi, o porco, o cavalo, a cabra e o carneiro.

Modifica-se o aspecto do campo, com as culturas em torno das aldeias. Começa a recuar a floresta selvagem, em favor de

(23) — Kurt Lindner — *La Chasse Préhistorique* — Paris — 1950 — págs. 299 e segs.

(24) — Robert R. Lowie — *Traité de Sociologie Primitive* — trad. de E. Métraux — Paris — 1935 — págs. 83 e segs.

espécies úteis à alimentação do homem. Os cereais já são cultivados em larga escala, tais como o trigo, o milho, a cevada, a aveia, o centeio. Mói-se o grão contra uma pedra plana. Mais tarde, aperfeiçoam-se os métodos de moagem, tornando-se mais fina a farinha.

Muito progridem as indústrias. Criam-se novas ou se transformam as antigas. A indumentária abandona o estágio primitivo de aproveitamento bruto das peles dos animais. Já existe o tecido, feito com a lã dos rebanhos ou com as fibras do linho. O homem já sabe fazer massa, modela com a argila e a arte da cerâmica inicia-se com os vasos de terra feitos à mão, cozidos ao ar livre e decorados com ornamentos. O talhe de sílex se opera em oficinas. São extraídos de uma mina, com poços de extração e galerias subterrâneas. (25)

Do ponto de vista social, organizou-se as comunidades e as populações começam a hierarquizar-se. Prova disso se encontra nos grandes monumentos megalíticos — o dolmen, o menhir — túmulos de altos personagens, e primeiras manifestações da arquitetura primitiva. É desta época o aparecimento da figura do patriarca.

O grupo social tornou-se muito mais denso. Com o pastoreio e com a agricultura, o homem leva uma vida sedentária, mantendo relações com grupos relativamente longínquos, graças aos novos meios de transporte: o cavalo, o camelo, a rena. Desaparece de sua existência a preocupação permanente da sua manutenção no dia de amanhã. Os novos meios de produção já lhe permitem armazenar certa porção de bens econômicos. Mas ao mesmo tempo cria-lhe um novo problema: a distribuição das tarefas a realizar na sociedade. Escapava o assunto da compreensão do homem médio, passando a caber

a alguém julgado mais sábio e competente: o patriarca. Recai a escolha, em geral, no mais velho do grupo. Ele é o chefe na paz e o comandante na guerra. Temos agora a primeira distinção entre a atividade diretiva e a executora do trabalho em sociedade, que irá perpetuar-se até nossos dias, como uma das diferenciações econômicas do todo social. (26)

Do ponto de vista dos tipos econômicos, da classificação de Steinmetz, podemos dizer que são encontrados nessa idade as suas quarta e quinta classes: os agricultores nômades ou caçadores agricultores e os agricultores inferiores. Na primeira espécie, incluem-se todos os que apresentam aquele gênero em estado de pureza: errantes, sem emprestar grandes cuidados à agricultura, nem dispor de animais domésticos. Na segunda espécie, apesar de mais elevada, ainda não se sabe bem o que é de mais utilidade para eles, se a agricultura, a caça ou a pesca, mas os cuidados às plantações são maiores. São sedentários e já possuem animais domésticos.

Na quinta classe, formada pelos agricultores inferiores, que já são sedentários, torna-se a caça atividade secundária, embora ainda de real utilidade. No primeiro momento, estão no estado de pureza tão

(25) — Acompanhamos aqui a exposição de Fallex e Bibert.

(26) — Sobre este chefe ou patriarca, em cujas mãos se iniciava a primeira manifestação de soberania política individualizada, assim se expressam G. Davy e A. Moret — *Des clans aux empires* — Paris — 1923 — pág. 77-78: "Estes personagens colocam-se à cabeça dos grupos locais que, segundo as tribos e segundo o modo de filiação, — uterina ou agnática, — que praticam, coincidem mais ou menos exatamente com os grupos totêmicos. Sua autoridade, fundada ao mesmo tempo na idade, na experiência e na capacidade, nada mais é do que local e de modo algum tribal. Não é suscetível de extensão senão na medida em que o grupo particular ao qual presidem é mais numeroso e um pouco também na medida em que seu renome se irradia".

completo quanto possível. No segundo, combinam a agricultura com outras ocupações primárias, destinadas a procurar matérias primas importantes para a sua vida. Por exemplo, são pastores, criadores. Mas é preciso que este elemento não influencie de mais seu gênero de existência, não constituindo seu principal meio de ocupação, a ponto de torná-los nômades. Se assim fôsse, seriam classificados na classe de pastores nômades. (27)

**Idade dos metais** — Aqui, já estamos alcançando os primórdios das grandes civilizações monumentais, estamos numa fase intermediária, que os autores chamam de protohistória. A idade dos metais pode ser dividida em duas épocas: a) bronze; b) ferro.

De longa data, como vimos, já os homens conheciam o fogo e certos de seus emprêgos. Assim é que desagregavam as rochas que contêm minerais. O **cobre** foi usado antes do **bronze**, por se encontrar em estado natural, ao passo que este último é resultado da liga do primeiro com o estanho, o que o torna muito mais duro. Inicia-se agora a idade eneolítica ou de **arte metalúrgica**, na denominação de Jacques de Morgan (28). Já não constitui mais mistério a fusão dos metais.

Segundo Morgan, a metalurgia teria surgido no norte da Ásia e o estanho teria sido importado no Ocidente através das grandes invasões mongólicas. A indústria do bronze começa em países muito diversos, em momentos diferentes. Foi introduzida nas Gálias, cêrca de 2.000 a.C. por homens de cabeça redonda, tipos orientais. Mas já era conhecida desde há muito por povos do Oriente Próximo, que conseguiram por isso meios seguros de conquista e de supremacia. Os babilônios e os egípcios a conheceram, ao mesmo tempo que a escritura, entrando assim

na história pròpriamente dita, já com documentos escritos.

Alguns autores situam nesta idade (a dos metais) o aparecimento de um dos maiores inventos da humanidade: a roda. Curioso é que aqui podem ser enfileiradas três correntes de opinião: a) uma que acha terem os povos neolíticos empregado a roda: b) outra que a coloca contemporânea dos povos na idade do ferro; c) finalmente, outra ainda que sugere ter surgido a roda unicamente em franco período histórico. (29)

Pouco importa a este nosso ensaio, sumário e simplesmente didático, a discussão erudita sôbre o assunto. E como a virtude está no meio, ficamos com a opinião de Hocart (30). A grande importância da invenção da roda reside no fato de tornar ela possível a exploração completa da propulsão, realizando o movimento contínuo. Sua origem, no entanto, é desconhecida. A princípio, aparece a roda inextricavelmente unida ao ritual. Os discos e as argolas já possuem um uso de ritual em lugares em que a roda mecânica ainda é desconhecida. Os discos

(27) — Steinmetz — *idem*, *idibem*.

(28) — J. de Morgan — *L'Humanité é préhistorique* — Paris — 1921 — pág. 109.

(29) — Lewis Mumford — *Technics and Civilization* — 6ª. ed. — New York — 1940 — pág. 31, inclui-se entre os que apontam, no período neolítico, a possibilidade do emprêgo de árvores roladas, como as primeiras formas de roda.

Robert Lowie, ao contrário — *Manuel*, cit. — pág. 177, situa o surgimento da roda em tórno de 3.300 a.C. entre os babilônios, já em franco período histórico.

Ainda sôbre o assunto, podem ser vistos: M. Mauss — *Manuel*, cit. — pág. 65 e G. Renard — *Op. cit.* — págs. 176 e segs.

(30) — A. M. Hocart — *Op. cit.* — págs 78 e segs. No mesmo sentido: Félix Sartiaux — *La Civilisation* — Paris — 1945 — pág. 64: "As pirogas, pouco depois a roda e o carro, o burro, começaram a combater o espaço. Estas mutuações passam, por suas consequências, o domínio técnico: sem elas as grandes civilizações, as múltiplas funções econômicas, intelectuais, artísticas e sociais não seriam jamais desenvolvidas".



de osso e de marfim foram encontrados juntos aos fósseis do paleolítico superior, antes que a roda houvesse aparecido como engenho mecânico. Não há dúvida, porém, que a roda atinge as Ilhas Britânicas na primeira idade do ferro, mas a roda de carro já era conhecida em Sumer cêrca de 4.000 anos a.C.

Importa fixar sômente o relevantíssimo papel que a roda veio desempenhar na sociedade humana, não só nos meios de transportes, nos carros pròpriamente ditos, como também em inúmeros outros instrumentos de trabalho, a começar, naqueles tempos recuados, pela cerâmica. E ainda hoje, como frisa Hocart, a roda combinada com a alavanca constitui o princípio da estrutura de tôda a maquinaria moderna.

Dispondo do bronze e depois do ferro, puderam os primitivos fabricar os seus instrumentos de trabalho e de guerra com êsses materiais, bem mais resistentes e maleáveis, quando levados ao fogo. Há vestígios bem instrutivos dessa época, tais como armas, utensílios os mais diversos e jóias.

Com o ferro, encontramos já em plena civilização, como a dos egípcios e dos babilônios. Na Europa, começa a idade do ferro no centro e no ocidente. Recebe a civilização os nomes dos povos sucessivos. A princípio, são os ligúrios, povo de fala ariana mais arcaico conhecido, que se impôs ou se misturou com populações neolíticas, cerca de 1.000 anos a.C. Depois, surgem os celtas, que, por volta do VI século, teriam propagado grandemente a indústria do ferro. Escreve C. Bloch: "E' a espada hallstaciana, a grande espara de ferro, que no século IV antes J. C. passeia em todo o mundo antigo o terros do nome céltico. E' a pequena espada da Tena que arma os soldados de Vercingétorix".

Do ponto de vista econômico, desta-

ca-se neste estágio a **economia transformativa**. Preponderam aqui, como aliás irá acontecer em tôda a Antiguidade, ainda a agricultura e o pastoreio. A indústria e o comércio, a economia de troca, encontram-se ainda num estágio inicial. A primeira só se manifesta enquanto se torna necessária ao suprimento das atividades principais do grupo social.

A princípio, os caracteres são os mesmos da idade neolítica. Mas, em plena economia transformativa, da idade dos metais, o seu traço primordial é uma certa complexidade na elaboração dos produtos econômicos. Dá-se aqui uma fusão de várias formas de economia: a animal, a vegetal, a manufatora, desenvolvendo-se numa estrutura social muito mais complicada, em que aparecem os primórdios do grande Estado ocidental, com evidentes sinais da sobenaria centralizada (31). O comércio, apesar de incipiente, já se vai tornando mais intenso entre as diferentes tribos, estreitando cada vez mais os contatos entre diferentes culturas. O tráfico de produtos se torna mais intenso, enriquecendo comercial e socialmente as culturas em comunicação. Seja por fusão ou por combinação, há sempre um acréscimo de civilização a resultar.

E esta economia transformativa é bem contemporânea, em sua manifestação mais pura, do emprêgo dos metais.

(31) — A. Moret e G. Davy — *Op. cit.* — págs. 133 e segs.

Em outro livro, mais sistemático do que histórico, escreve G. Davy — *Éléments de Sociologie* — 2ª. ed. — Paris — 1950 — pág. 120: "As sociedades que chamamos de totemismo evoluído inauguram a centralização e o poder dos chefes que caracterizam mais nitidamente as sociedades e completar nas nações. As sociedades tribais, por seu lado, já são em muitos pontos verdadeiras nações, nações em potencial"... "As sociedades tribais, nas quais o poder do chefe de organiza, ao mesmo tempo que a base da sociedade tribais, nas quais o poder do chefe se organiza, ao mesmo tempo que a base da sociedade se torna territorial".

Sobre isso, escreve Jacques de Morgan (32): "O aparecimento dos metais provocou uma grande revolução no desenvolvimento da humanidade pré-história. Essa conquista trouxe uma transformação completa de todo o modo de vida, a sua posse ou não decidiu da importância de certos povos. Permitia o amontoamento de grandes massas de homens e levou à fundação dos Estados no verdadeiro sentido da expressão".

No que diz respeito à classificação de tipos econômicos, de Steinmetz, preponderam aqui os agricultores superiores, entre os quais a indústria e o comércio ainda não representam profissões especiais, salvo raras exceções, como a do moleiro, do ferreiro, etc. A caça, e em geral, a pesca passaram para o terceiro plano. Os cuidados dados às plantações são muito maiores, e mantidos por meios artificiais de alguma importância: uso de irrigações, de adubos, de instrumentos aperfeiçoados. Poder-se-ia subdividi-las em espécies segundo as distinções de Hahn: por exemplo, a agricultura superior que emprega somente o enxadão, a agricultura intensiva dos jardins, etc. Outras espécies seriam formadas pela união da agricultura com a criação de gado, a pirataria, a pesca marítima, o comércio, ou por combinações diversas destas ocupações. (33)

Hahn atribui à região mesopotâmica a origem do arado e portanto da cultura dos campos, em contraposição à antiga roça, pequena, típica da agricultura da enxada de pedra ou de madeira, das tribos neolíticas. Com a **cultura do arado**, passa o trabalho do campo a ser realizado pelo homem, escapando das mãos da mulher. O trabalho fica mais rude e difícil,

utilizando-se de animais, até então tarefa econômica do homem.

6 — **Visão geral sobre a pré-história** — Segundo Sartiaux, é a pré-história o período mais longo da aventura humana. A título de indicação, pode-se avaliar em cerca de 7.000 anos a duração do neolítico e do começo dos metais. Nenhum sábio arriscaria medir a duração do paleolítico, mas, para dar uma idéia aproximada da sua grandeza, é o bastante que se diga que cerca de 100.000 anos é o tempo verossímil. Por seu turno, lembra Jacques de Morgan que a substituição da pedra pelo metal foi muito irregular e muito lenta, persistindo aquela mesmo entre as civilizações monumentais do mundo antigo.

Por tudo isso, podemos concluir da riqueza dos tempos primitivos, nos quais se fundaram os verdadeiros alicerces da nossa civilização atual. As primeiras invenções foram talvez mais difíceis do que as grandes descobertas contemporâneas. Criaram os primeiros povos uma física empírica, envolta ainda em muita magia, ao lado de um pequeno lado experimental. Os aparelhos de percussão, a alavanca, o fogo, a roda, a enxada, o arado, a cerâmica, o tecido, todos êsses instrumentos de trabalho e tôdas essas manifestações industriais surgiram nos tempos pré-históricos, "não menos fecundos em acontecimentos do que a história", na conhecida frase de Morgan.

Como conclusão geral desta rápida vista de conjunto, nada mais indicado do que as opiniões de dois mestres que estudaram o assunto, mostrando ambos a continuidade da existência humana. A humanidade é bem aquele homem único de Pascal, que subsiste sempre e aprende continuamente. Com estas palavras, termina Thurnwald o seu livro, já referido: "A economia primitiva, estudada neste livro, não se distingue em nada, tanto eia

(32) — J. de Morgan — *Les premières civilisations* — Paris — 1909 — pág. 473.

(33) — R. Steinmetz — *Idem, ibidem*.

Para a caça nesta época, pode ser visto o livro de Kurt Lindner — *O. cit.* — págs. 391 e segs.

se ocupa das relações entre os homens, das outras formas da economia e se apoia nos mesmos princípios gerais da vida social. Tudo o que se pode dizer é que, na economia primitiva, observamos as primeiras etapas dêste processo cumulativo que continuará, parece, indefinidamente sem que esteja no alcance do homem orientar seu curso”.

Outro não é o pensamento de Félix Sartiaux: “O homem primitivo desenvolveu todos os atributos da humanidade. Inaugurou tôdas as condutas que são os fundamentos das grandes civilizações. Esboçou todos os gestos que se fixaram na tradição: usos do fogo, manejo das armas, das ferramentas, modelagem da argila, tecelagem, amassadura do grão, semeaduras, culturas, domesticação dos animais, construção de abrigos e de defesas. Criou a linguagem, espiritualizou-

a em palavra interior, em crenças. Instituiu as guerras, as trocas e os jogos, compôs os adornos e as obras de arte. Edificou a família, o clan, a aldeia, organizou a vida sedentária e pastoral. Suas criações multiplicaram o poder humano. O presente, em tôdas as suas formas, é devedor do mais longínquo passado”.

Erram assim, e erram muito, os que pensam ser desnecessário um ponto no programa de Direito do Trabalho sôbre a economia entre os primitivos. O trabalho humano é um só em seu significado cultural: o domínio do homem sôbre a natureza, para a obtenção de bens econômicos, ou em outros termos, de produtos que lhe sejam úteis, capazes de lhe satisfazerem em suas necessidades materiais e espirituais. A aventura humana é uma só: ontem, hoje e amanhã.